

**SOBRE PENSAR E SER GEÓGRAFA: VIDA E
HISTÓRIA QUE SE CONFUNDEM COM A PRÁTICA
TRANSFORMADORA DA REALIDADE –
UMA HOMENAGEM A ALEXANDRINA LUZ
CONCEIÇÃO**

<https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste>
ISSN: 2318-2695

Recebido em 08 de Novembro de 2020
Aprovado em 08 de Dezembro de 2020

**ON THINKING AND BEING A GEOGRAPHER: LIFE
AND HISTORY THAT ARE CONFUSED WITH THE REALITY-
TRANSFORMING PRACTICE –
A TRIBUTE TO ALEXANDRINA LUZ CONCEIÇÃO**

**SOBRE PENSAR Y SER GEÓGRAFO: VIDA E HISTORIA
QUE SE CONFUNDEN CON LA PRÁCTICA
TRANSFORMADORA DE LA REALIDAD –
UN HOMENAJE A ALEXANDRINA LUZ CONCEIÇÃO**

DOI 10.33360/RGN.2318-2695.2020.i2.p.280-291

Ana Rocha dos Santos

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
E-mail: ana.rochaufs@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0808-7855>

“Merecer la vida no es callar y consentir
tantas injusticias repetidas...
Es una virtud, es dignidad
y es la actitud de identidad
más definida!
Eso de durar y transcurrir
no nos da derecho a presumir,
porque no es lo mismo que vivir
honrar la vida!”

(Honrar la vida - música cantada por Mercedes Sosa, autoria de Eladia Blázquez).

RESUMO

Este texto homenageia a professora Alexandrina Luz Conceição. Entre tantas maneiras de prestigiá-la, optou-se por considerar seu rigor ao método, sua história relacionada à vivência como leitora voraz e seu compromisso radical com a educação na condição de professora. Procurou-se enfatizar a importância que a leitura teve para a sua formação, reafirmando-se que o conhecimento é destoante do aligeiramento e da leitura rasteira de obras e autores. A grandeza de Alexandrina foi construída ao longo de sua vida, desde a mais tenra infância. A diversidade de obras lidas também vai constituir seu modo de pensar, explicar a realidade e fazer escolhas que estejam do lado da emancipação humana.

Palavras-chave: Conhecimento. Método. Professora. Geografia.

ABSTRACT

This text pays tribute to Professor Alexandrina Luz Conceição. Among so many ways to honor her, we chose to consider her rigor in the method, her history related to her experience as a voracious reader, and her radical commitment to education as a teacher. We tried to emphasize the importance that reading had for her formation, reaffirming that knowledge is different from lightening and the low reading of works and authors. Alexandrina's greatness was built throughout her life, from her earliest childhood. The diversity of works read will also constitute her way of thinking, explaining reality and making choices that are on the side of human emancipation.

Keywords: Knowledge; Method, Professor. Geography.



RESUMEN

Este texto rinde homenaje a la profesora Alexandrina Luz Conceição. Entre tantas formas de homenajearla, optamos por considerar su rigor en el método, su historia relacionada con su experiencia como lectora voraz y su compromiso radical con la educación como maestra. Intentamos enfatizar la importancia que tuvo la lectura para su formación, reafirmando que el conocimiento es diferente al relámpago y la baja lectura de obras y autores. La grandeza de Alexandrina se construyó a lo largo de su vida, desde su más tierna infancia. La diversidad de obras leídas constituirá también su forma de pensar, explicar la realidad y tomar decisiones que están del lado de la emancipación humana.

Palabras-Clave: Conocimiento. Método. Profesora. Geografía.

1. INTRODUÇÃO

Em tempos difíceis de pensar a sociedade de acordo com a análise crítica e quando assumir um posicionamento marxista é fazer inimigos, escrever um artigo que homenageia a professora Alexandrina Luz Conceição, de agora em diante somente, Alexandrina ou professora Alexandrina, é reafirmar a relevância do método para ler/explicar/transformar a realidade.

Este texto homenageia a professora Alexandrina Luz Conceição. Entre tantas maneiras de prestigiá-la, optou-se por considerar seu rigor ao método, sua história relacionada à vivência como leitora voraz e seu compromisso radical com a educação na condição de professora. Procurou-se enfatizar a importância que a leitura teve para a sua formação, reafirmando-se que o conhecimento é destoante do aligeiramento e da leitura rasteira de obras e autores.

A construção deste texto é resultado de conversas e histórias contadas pela própria Alexandrina em momentos em que nos encontramos despreocupadamente para recuperar lembranças e compartilhar momentos vividos por ela. Também foram feitas pesquisa em fontes bibliográficas e site do SINTESE (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica da Rede Oficial do Estado de Sergipe), AGB (Associação dos Geógrafos Brasileiros) e GPECT (Grupo de Pesquisa Estado, Capital Trabalho e Políticas de Reordenamento Territorial).

2. UMA HISTÓRIA, UM ENCANTO, UMA MESTRA

A coerência de método, associada à prática política são capazes de provocar mudanças radicais no modo de pensar das pessoas. O legado de Alexandrina tem a ver com um trabalho de conscientizar, de tomar a realidade e virá-la do avesso para ler nas entrelinhas e revelar o que não está escrito. O desafio de desenvolver o pensar dialeticamente é superado na medida em que o trabalho e o ofício de formar professores se realizam pela sua orientação.

Há gerações de professores formados e que têm na figura de Alexandrina a referência da profissional que cuida, zela, se aproxima do aluno e o desperta/instiga para fazer da Geografia uma



descoberta na produção de uma elaboração crítica, fundamentada no materialismo histórico dialético.

Para ser professor é preciso ter coerência metodológica e fazer de seu trabalho um ato de militância. Com os anos de docência, Alexandrina provocou a inquietação, a indignação e fomentou a luta e a resistência. São anos na incansável trajetória de anunciar a necessidade da transformação através do engajamento e compromisso com os trabalhadores e os que sofrem com a exploração.

A vida de Alexandrina sempre foi ao lado dos professores, na luta pela valorização da categoria, na formação política e na atuação em sala de aula de modo irretocável. Empolga e desafia as mentes dos seus alunos, desconstruindo saberes, provocando uma catarse, traduzida na lucidez que é vista a realidade.

Ingressou na rede pública de ensino em 1972 como professora de Geografia, e nos anos finais da década 1980 esteve envolvida com a própria criação do sindicato dos professores, o SINTESE (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica da Rede Oficial do Estado de Sergipe). Ela e outros professores iniciaram o debate em assembleias para discutir o modelo educacional do antigo Segundo Grau que estava centrado na formação para habilitações básicas, para a profissionalização. A partir daquele momento, o sindicato passou a assumir um caráter mais representativo e de luta e se deu a criação do primeiro Estatuto do Magistério, mesmo diante da ditadura militar vivenciada à época. Nos anos de ensino na Educação Básica, a professora Alexandrina pôde fazer do ensino de Geografia um poderoso instrumento de elucidação da realidade, vencendo o caráter de uma disciplina desinteressante, centrada na memorização de fatos, sem vinculação com a realidade. Ensinar o sentido histórico, processual, político da produção do espaço sem provocar estranheza no aluno, provocando-o para pensar a sua realidade, sua história no movimento da história do país e do mundo provoca uma transformação no modo de ser do aluno. É difícil não se encantar pela Geografia quando Alexandrina é a professora!

Após anos de ensino no que hoje se define como Educação Básica, ela ingressou como docente no Departamento de Geografia, da Universidade Federal de Sergipe, em 1991. Esse momento fortaleceu a concepção teórica do materialismo histórico dialético no referido departamento, o que logo resultou em pesquisas que contribuíram para a Geografia Crítica sergipana e nacional. Foi em 1992 que se deu seu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFS. A partir desse momento, seu trabalho de pesquisadora foi enriquecido com a formação de grupo de estudo e pesquisa, centrado na crítica e no compromisso com a construção de uma sociedade, destituída de desigualdades sociais.

Seus estudos e dos seus alunos e orientandos têm abordado temas que demonstram o compromisso político e análise crítica da realidade. O resultado de suas pesquisas aponta para as



contradições da sociedade capitalista, lida sempre de modo que o abstrato e o concreto, o geral e o particular, a aparência e a essência estejam inter-relacionados. Os temas estudados guardam uma identidade com o método, inseridos no campo da produção do Pensamento Geográfico, da Geografia Agrária, do Campesinato, da Política, do Estado, do Capital, do Trabalho e do Desenvolvimento.

Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital Trabalho e as Políticas de Reordenamento Territorial (GPECT), tem promovido Encontros Nacionais que assumem um papel de resistência e colocam em evidência as tensões, conflitos e contradições que permeiam as relações sociais no/do sistema sociometabólico do capital (expressão de Mészáros, 2011). Esses encontros se transformaram nas vozes e ouvidos daqueles que lutam dentro e fora da Academia por dignidade e felicidade para as pessoas que vivem subjugadas, presas nas amarras do capital e de seus representantes. Nos eventos já realizados fomenta-se a ideia de que é preciso criar as condições para um novo modo societal. É como diz Antunes, ao apresentar o livro *Para além do capital*, de Mészáros (2011, p. 19), “É preciso assegurar finalidades conscientemente escolhidas pelos indivíduos sociais que lhes permitam realizar-se a si mesmos como indivíduos – e não como personificações particulares do capital ou do trabalho.

A sua atividade como professora e seu engajamento político foram determinantes para o seu reconhecimento nacional e sua atuação na Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), tornando-se diretora dessa instituição no período entre 2008 e 2010. Para essa geógrafa de coração aberto,

a AGB, por constituir-se numa instituição que se materializa e se estrutura no princípio da liberdade e da alteridade, tende a garantir um campo de debate aberto de validação de leituras plurais, mesmo que, aparentemente, ela possa ter um maior peso na determinação histórica de um grupo dominante (CONCEIÇÃO, 2014, p. 126).

Combinando trabalho docente e constante estudo que vão além da temática geográfica, nossa homenageada se debruça sobre a literatura, arte, política e a filosofia em um contínuo processo de fazer-se ser. Apreciadora do cinema e da música, dialoga constantemente com estas formas de expressão da vida e da história para captar o movimento do real em suas múltiplas determinações. Com extrema sensibilidade, Alexandrina se dedica ao outro com paixão, entusiasmo e esperança de construir as condições para as mudanças que nós precisamos vivenciar.

Desde criança dedicara-se à leitura por influência de sua tia, pai e irmãos. Em suas palavras: “ama os livros até hoje”; pensa que “para que a gente consiga dar uma formação de fato literária (literária como um todo) a um jovem tem que ter início desde criança”. Foi exatamente na infância, ainda no colo de sua tia professora, que participava das seções de leitura da sua irmã e se encantava com as histórias contadas por ela, admirada com as palavras pronunciada por seus lábios.



Ao começar a ser alfabetizada aos sete anos, em suas férias, leu seu primeiro livro, Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato. Este autor preencheu a sua infância e a de seus irmãos com as diversas histórias, despertando a criatividade e imaginação. As histórias se tornavam vida real na fantasia construída com suas bonecas e bonecos que passavam a ser as personagens dos cenários construídos por Alexandrina. Ainda criança leu Negrinha. Seu pai tinha uma biblioteca e nela continha a obra completa de Monteiro Lobato. Já naquela época, embora não fossem debatidas as ideias eugenistas de Monteiro Lobato, ficou impressionada com o nível do ódio e a forma perversa que a patroa tratava a criança órfã do livro Negrinha. Lia e se questionava sobre as injustiças sociais.

Como ela mesmo diz: “a leitura era como um alimento da minha existência”. Amante da leitura, na adolescência entrou em contato com as obras de Érico Veríssimo e por ele se apaixonou. Leu Clarissa, Música ao longe, Um lugar ao sol, Olhai os Lírios do Campo. Seu fascínio por Érico Veríssimo também se dava porque suas personagens faziam parte das narrativas de outros romances de sua autoria. Foi nessa época que, segundo depoimento, deu um salto para obras com fundamentos das leituras cristãs, de cunho mais filosófico. Gostava de autores como Jacques Maritain, Raissa Maritain e Gabriel Galache que provocaram uma aproximação com a filosofia e a partir daí deu um salto para ler Simone de Beauvoir, Sartre e Kafka. Em suas palavras: “foi aí que fui me envolvendo de modo sensível com o outro como sempre fui”. Mesmo ainda muito jovem, encontrava facilidade para compreender a densidade dessas leituras. Descobriu que a literatura está impregnada de filosofia, principalmente quando se debruçou sobre a literatura francesa. Leu Victor Hugo, Voltaire, Rousseau, mas só foi compreender a leitura filosófica desses autores na maturidade, quando já era professora.

A aproximação com a leitura marxista não tem um momento definido. Ocorreu pela leitura da história porque ela sempre fora apaixonada pela história. Na escola secundária, atual Ensino Médio, leu História da Civilização Ocidental como se fosse literatura. Segundo seu depoimento, só passou a compreender, de fato, a história a partir de uma leitura crítica e que levou aos estudos marxistas, quando teve contato com um professor de história (Bonifácio), no segundo ano do atual Ensino Médio. Passou, então, a ler Caio Prado Júnior, Nelson Werneck Sodrê e Celso Furtado. Já naquele momento, percebia as diferenças teóricas entre esses autores, despertando-a para o aprofundamento da análise marxista. Foi com o livro História Sincera da República, de Leôncio Basbaum, que teve a condição de compreender sua visão crítica. Esse momento da caminhada de formação intelectual e humana se contrapôs à sua formação cristã, sob a encíclica Mater et Magistra de João Paulo XXIII, deixando-a e dedicando-se ao estudo da história. Quando leu “Nós, o Povo”,



de Leo Huberman teve condição de entender o avanço do capital no campo com a industrialização e que foi importante para seus estudos no Mestrado na UFS.

Cabe salientar que a juventude da professora Alexandrina foi vivida sob a ditadura militar e, como regime antidemocrático e coercitivo, os livros representavam ameaça. Os livros críticos, marxistas eram de difícil veiculação. Na época, segundo relato de Alexandrina, a editora Civilização Brasileira, e, em seguida, a Paz e Terra, eram as que publicavam alguns livros. Foi com publicações dessas editoras que teve acesso à leitura sobre trabalho assalariado e capital (livros pequenos, fragmentados em partes para chegar à classe trabalhadora). Ao ler “A Origem do Capital”, de Marx passou a entender o que era capital e dinheiro. Em seguida, leu “A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, de Engels, O Capital (Marx), Miséria da Filosofia (Marx), e Ideologia Alemã (Marx e Engels). Essas e outras obras marxistas acompanharam os anos de estudo antes de ingressar na Universidade, fato que surpreendeu os professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Baiana de nascimento, Alexandrina foi obrigada a abandonar os estudos universitários e ir para Belo Horizonte durante a ditadura militar, escapando da violência dos militares que perseguiram jovens ligados aos movimentos que lutaram contra o autoritarismo do regime. Participou durante este período da formação política de jovens, com produção de textos e atuação nas discussões da militância, necessária para construir um movimento revolucionário de base marxista.

Migrou para Sergipe em 1969, onde vive até hoje, fazendo de Aracaju sua morada, seu lugar de vida e de trabalho. O reconhecimento pelos anos de dedicação ao trabalho e às pessoas resultou no título de cidadã sergipana, em 2004 (ALESE). Em 2018, foi homenageada na Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe (ALESE) com a medalha Manoel José Bomfim¹. Ao discursar sobre a homenagem, afirmou que

sinto-me impotente para conformar meus alunos, hoje professores, assustados, terrivelmente horrorizados face a impotência de fazer pensar criticamente. Não mereço essa medalha e a entrego a todas e todos que, durante todos esses anos, passaram por mim e aprenderam a aprender e a compreender que educar é transformar (ALESE, 24 out. 2018).

Educar é transformar pela ação consciente do sujeito que pensa criticamente sobre a sua realidade e a sociedade capitalista para alcançar a liberdade humana. Consciente das limitações da educação escolar para a transformação real da sociedade e da dificuldade de manter vivo um

¹ Medalha que é uma homenagem aos profissionais da Educação que se destacaram por sua relevância ao sistema público de ensino.



pensamento crítico, Alexandrina faz do conhecimento por ela produzido um ato de resistência e um luta constante contra todas as formas de opressão e exploração.

3. OS ESTUDOS DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DE ALEXANDRINA LUZ CONCEIÇÃO

A formação acadêmica de Alexandrina é marcada por dois importantes momentos: o estudo do camponês, em seu Mestrado, e a singularidade da análise teórica da construção do pensamento social brasileiro, desenvolvida em seu doutorado. O retorno à Universidade Federal de Sergipe para fazer o Mestrado se deu no final dos anos 1980, após quase 15 anos de trabalho como docente na Educação Básica e de militância política. Estudou a questão camponesa embasada no método materialismo histórico dialético, debruçando-se sobre o significado de camponês. Um trabalho inquietante por abordar o signo e a representação social desse sujeito social. Procurou analisar a significação do conceito de camponês tanto no debate clássico das teorias de Lênin e Chayanov, como nos estudos da história da Geografia brasileira e dos próprios sujeitos (os camponeses). Assim, ela parte dos pressupostos marxistas de que

Os homens são os produtores de suas representações, de suas ideias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas (MARX, ENGELS, 2007, p. 94).

O conceito de camponês é problematizado e estudado como construção histórica. A inquietação para o estudo do camponês a leva a refletir sobre essa palavra que tem um conteúdo ideológico que o liga ao passado e que, ao atravessar o tempo, não rompe com essa antiga representação (SOUZA, 1991).

Utilizando como aporte teórico estudos de Bakhtin (1988) para entender a concepção materialista do signo que valoriza a fala e o concebe como dinâmico e ideológico, Alexandrina coloca o conceito de camponês como signo que possui uma natureza viva, móvel, carregado de história. Importante destacar sua preocupação em mostrar que “a ideia é determinada a partir da história do contexto sócio-político-econômico” (SOUZA, 1991, p. 7). Realidade e pensamento se entrelaçam na interpretação do conceito de camponês que está ligado ao contexto de cada época. Ao ouvir as falas dos camponeses, nossa mestra dialoga teoricamente com os autores que se debruçaram sobre este sujeito social e também se introduz no debate para revelar que o conceito de camponês tanto elaborado pelos estudiosos, como o definido pelos próprios camponeses, a partir de suas representações, está associado:



- 1) o arcabouço de uma teoria pode conservar velhas concepções que podem mascarar a análise, impedindo uma visão crítica.
- 2) a generalização de definição tende a homogeneizar relações, deixando-se de considerar as diferenciações.
- 3) o caráter reacionário do signo linguístico e ideológico, tende a valorizar a verdade de ontem como a de hoje” (ibid., p. 155).

Fiel ao método, o conceito de camponês foi estudado teoricamente sem considerá-lo de modo abstrato, ao contrário, buscou enxergá-lo em sua concretude, apreendendo as determinações que constituem o conceito de camponês. Daí ela considera que

para compreendermos a concepção em que se fundamentava o conceito dinâmico-histórico-político da palavra camponês não era bastante a definição do nome. A autodefinição só era possível de ser compreendida a partir do entendimento do conceito nas contradições do espaço de suas moradas, da consciência possível das suas lutas contra a desterritorialização, enquanto objetos para transformarem-se em atores, sujeitos de sua própria história (ibid., p. 127-128).

Assim, Alexandrina elabora sua análise compreendendo que a palavra camponês é marcada temporalmente e determinada por um grupo social e carrega uma função de signo ideológico e linguístico.

Foi com essa mesma preocupação com as ideias e o contexto que as produz, que a professora Alexandrina deu sua contribuição ao estudo do pensamento geográfico, no tocante à questão da formação do pensamento social brasileiro. Ela se debruçou sobre o discurso do sergipano Tobias Barreto que se distanciava das explicações do pensamento social brasileiro pautado pelo determinismo ambiental, racial ou pelo darwinismo social, dominante nos anos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX. Alexandrina (2001) desenvolveu sua Tese de Doutorado analisando o discurso de Tobias Barreto no que se refere ao entendimento da cultura como definidora do Estado/Nação e a importância da valorização do indivíduo em sua relação cultura/homem e não da questão racial. Ela também analisa o pensamento de Tobias Barreto quanto à interpretação que ele faz do lugar/local/meio como resistência, contrapondo-se ao universal.

A escolha por estudar Tobias Barreto revela a marca que identifica a professora Alexandrina, traduzida na opção pelo que transgride aquilo que está posto, pela crítica reveladora da realidade e sua coerência entre discurso e prática. O pensamento de Tobias Barreto não se coadunava com o que dominava na época (entre o final do século XIX e o início do século XX), o que desperta o interesse de Alexandrina. Em suas palavras,

O distanciamento das concepções de Tobias Barreto do bloco de pensadores que cravam os seus pensares no determinismo sociológico, talvez represente sinalizações que nos permitam avaliar a ruptura epistemológica, em relação, por exemplo, a uma preocupação



em definir um perfil ideológico do pensamento geográfico a partir de uma linha rígida de pensar, quase que cronologicamente definida no tempo de ‘determinismo’ da escola alemã e no ‘possibilismo’ da escola francesa (CONCEIÇÃO, 2001, p. 5).

O percurso histórico que Alexandrina faz para refletir sobre a identidade nacional, analisando o pensamento de Tobias Barreto também demonstra o lugar precioso que o passado representa para ela na interpretação/explicação do presente. Assim, ela faz a análise de Tobias Barreto sobre a leitura de identidade nacional, refletindo a respeito dos pares cultura/natureza e nacional/regional com o propósito de contribuir

na discussão do novo no velho e do velho no novo, na medida que tornam presente neste final do século a possibilidade da emergência da discussão da identidade nacional como alternativas às ‘saídas’ da situação brasileira diante do processo acumulativo do capital que no programa neoliberal, encontra no paradigma da cultura a possibilidade/entendimento da ciência/técnica como condição de vias de transformações sociais (ibid., p. 6).

Afirma que a liberdade é o núcleo do pensamento de Tobias Barreto. Neste sentido,

a grande salvação para um povo é a que ele deve a si mesmo, à sua própria iniciativa, à sua inspiração nacional – é um direito a ser conquistado – a unidade do espírito nacional. O espírito nacional só pode ser construído pelo espírito provincial. Só o provincialismo é capaz de operar o seu desenvolvimento. O espírito comunal, para Tobias Barreto, é visto como princípio de vida, como condição expandir e prosperar (ibid., p. 11).

Alexandrina elabora com perspicácia intelectual a construção crítica de Tobias Barreto ao pensamento dominante da época. Embora encontre em Tobias Barreto o diferente no homogêneo e demarque a singularidade do pensamento do autor, destaca Tobias Barreto em sua “prisão” “positivista da limitação do homem sem tempo, ahistórico, que pensa o mundo fora dele e encontra a resposta para sua superação” (ibid., p. 232). Foi através dos discursos de Tobias Barreto que Alexandrina identificou a forma dele pensar o Estado/Nação a partir do germanismo, sob influência herderiana que é a forma de defender as diferenças culturais e se opor ao domínio da cultura portuguesa e francesa que, segundo ele, levava o país ao atraso intelectual e impossibilitava a construção do Estado/Nação. Assim, é que para ele, a cultura define as relações e é responsável pela dependência, daí Tobias Barreto colocar o lugar/local/meio como nucleador das verdades positivas e negativas. Isto porque “o espaço representado é o vivido das imagens e símbolos. Ele se apropria do espaço e do mundo. O espaço vivido, pensado, apropriado e sentido tem em Escada o lugar ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e enquanto especificidade – a tríade: habitante-identidade-lugar” (ibid, p. 237). A construção da nação é, portanto, pensada por Tobias Barreto, enquanto meio/lugar/município, onde se percorre a trajetória para a liberdade enquanto conquista pela relação de pertencimento e reconhecimento do/no nacional.



O resgate dos estudos de formação acadêmica de Alexandrina guarda um sentido que extrapola a trajetória profissional. Eles sinalizam aspectos do pensamento como construção social, nada isolado das determinações históricas de como são produzidas as formas de pensar e de representar socialmente os conceitos.

Muitas são as obras escritas por Alexandrina! Livros, capítulos de livros, artigos de revista, além de participação em mesas redondas, palestras, seminários que registram seu compromisso com a radicalidade do pensamento crítico, questionador e obstinado. Os textos por ela escritos revelam a dimensão humana que a constitui e que fazem da Geografia uma força de luta, pulsante e viva, contra a exploração e alienação.

4. PARA NÃO CONCLUIR

Muitas leituras já foram feitas por Alexandrina ao longo de sua vida! Érico Veríssimo está em suas lembranças e memória, assim como estão tantas outras obras e autores que foram povoando seus pensamentos, dando-lhe liberdade e constituindo seu ser. A literatura foi sua aliada na compreensão da vida, da realidade social e a estimulou a trilhar outros campos do saber e do conhecimento.

No livro “Olhai os Lírios do Campo”, de Érico Veríssimo, a personagem Olívia, antes de morrer, escreve uma carta para seu amado, Eugênio. Nessa carta, ela escreve coisas sobre ele, sua infelicidade, apesar de ele ter tido sucesso na vida. E questiona:

Quando eu estava ainda em Nova Itália, li muitas vezes o teu nome ligado ao do teu sogro, em grandes negócios, sindicatos, monopólios e não sei mais quê. Estive pensando muito na fúria cega com que os homens se atiram à caça do dinheiro. É essa a causa principal dos dramas, das injustiças, da incompreensão da nossa época. Eles se esquecem do que têm de mais humano e sacrificam o que a vida lhes oferece de melhor: as relações de criatura para criatura. De que serve construir arranha-céus se não há mais almas humanas para morar neles? (VERÍSSIMO, 2001, p. 215).

A sociedade capitalista é a da mercantilização das relações, da produção destrutiva, da incessante violência, dor e miséria, das distâncias cada vez maiores entre ricos e pobres. Essas são questões que atravessam romances, músicas, filmes, a arte de modo geral e também o pensamento vivo da mestra e da mulher que leva Luz no sobrenome.

A arte e todas as suas formas de expressão são antídoto contra a ignorância e mutilação do pensamento. O ato de pensar e o conhecimento são cruciais para o rompimento das amarras que aprisionam as pessoas em um círculo virtuoso de estupidez. Livros são ameaçadores aos regimes autoritários e de democracia fragilizada e, por isso, são queimados, escondidos e negados. Assim



como os livros, a arte, a literatura e a cultura em seu sentido mais amplo, não sucumbem e resistem. Muito dessa resistência é fruto do trabalho como o de Alexandrina que transborda conhecimento!

A Geografia e os geógrafos podem servir para fortalecer a luta por uma sociedade de igualdade substantiva. Há momentos que exigem mais ousadia e determinação, momentos que não dispensam o estudo metucioso da ciência geográfica, da política, da economia e sua tradução espacial. Na história da nossa Geografia, a professora Alexandrina será sempre uma inspiração!

Como inspiração, escrevo para a querida mestra de toda uma geração uma pequena e amorosa demonstração de todo o meu carinho:

Você que é Xan Xan,
Você que é Alê,
Ou simplesmente, Alexandrina!
São expressões de carinho ao tratar de ti.
Sua humanidade é suprema!
Seu amor fraterno, sua indignação
São como feixes de luz da aurora que anuncia o nascer do dia!
A dor do outro é a sua dor,
E, nisso, você é movida e move sua vida,
Move nossas vidas!
E segue na consciência do outro
Cultivando o cuidado, o zelo, a paixão sem medida.
À mestra, minha gratidão!

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Apresentação. In: MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria de transição. São Paulo: Boitempo, 2011.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SERGIPE – ALESE. **Professores são homenageados com Medalha Manoel Bonfim**. Aracaju, SE: ALESE, 24 out. 2018. Disponível em: <https://al.se.leg.br/professores-sao-homenageados-com-medalha-manoel-bonfim/>. Acesso em: 13 mar. 2019.

BAKHTIN, Mickail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. *Às margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia*. 2001. **Tese (Doutorado em Geografia)** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.



_____. **Pensar o pensamento geográfico:** reflexões por dentro dos Encontros Nacionais de Geógrafos (ENGs) - Brasil. Terra Livre, ano 30, v. 2, n. 42, 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DE SERGIPE - SINTESE. TVSINTESE #85 Homenagem a uma mestra que formou toda uma geração de educadores. Aracaju, SE: SINTESE, 30 abr. 2018. Disponível em: <https://www.sintese.org.br/2018/04/30/tvsintese-85-homenagem-a-uma-mestra-que-formou-toda-uma-geracao-de-educadores/>. Acesso em: 29 mai 2020.

SOUZA, Alexandrina Luz Conceição de. A questão Camponesa: o olhar sob o signo dialético. 1991. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** – Núcleo de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 1991.

VERÍSSIMO, Érico. **Olhai os lírios do campo.** São Paulo: Globo, 2001.